

# Entrevista com Bernard Lahire

A Revista *Áskesis*, com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Departamento de Sociologia da UFSCar, trouxe, pela primeira vez à São Carlos, o Prof. Dr. Bernard Lahire, dentro do projeto *Áskesis convida*. Lahire é professor de Sociologia na Escola Normal Superior de Lyon, na França, diretor da equipe “Disposições, poderes, culturas e socializações” e um dos principais especialistas, na atualidade, na obra de Pierre Bourdieu. Lahire conheceu nossa universidade, conversou com estudantes de pós-graduação sobre as pesquisas em desenvolvimento e nos brindou com a Conferência “Os prolongamentos críticos do trabalho sociológico de Pierre Bourdieu”, no dia 06 de dezembro de 2011.

Ainda na ocasião da visita, Lahire gentilmente concedeu, à Revista *Áskesis*, uma reveladora entrevista, em que não dispensou o tom crítico e comentários polêmicos. Foram abordados diversos temas, como a área de Sociologia na França, a importância da pesquisa empírica em Sociologia e a tendência à hiperespecialização nas ciências humanas e sociais. Lahire falou ainda sobre sua paixão pela Sociologia, suas obras, seu interesse pela produção sociológica no Brasil e na América Latina, sua visão sobre o trabalho de Anthony Giddens e ainda sobre um assunto que não poderia faltar: a obra de Bourdieu e a crítica em relação aos conceitos de *habitus* e *campo*.

Essa entrevista é fruto de um esforço conjunto do Conselho Editorial da Revista *Áskesis*. As perguntas foram elaboradas por Aline Yuri Hasegawa, Charles dos Santos e Lara Roberta Rodrigues Facioli; a tradução das perguntas do português para o francês foi feita pela Profa. Dra. Ana Lúcia Teixeira – Ciências Sociais/UNIFESP; a tradução da entrevista do francês para o português e este texto de apresentação são de Aline Suelen Pires; a revisão final ficou a cargo de Aline Yuri Hasegawa, Lara Roberta Rodrigues Facioli e Vanessa Parreira Perin.

**Áskesis** – Prof. Lahire, em diferentes entrevistas, você falou sobre a sua trajetória acadêmica como produto da universidade de massa. Você é de um bairro operário de Lyon e entrou em contato com a Sociologia, área na qual foi formado como pesquisador. No Brasil, as Ciências Sociais e a Sociologia se apresentam, algumas vezes, como opções mais acessíveis aos estudantes que não tiveram a oportunidade de serem bem preparados para passar no vestibular (semelhante ao *Baccalauréat*<sup>1</sup> na França). São opções para alunos que não tiveram condições financeiras suficientes para fazer seus estudos em instituições de maior qualidade, o que poderia lhes garantir a escolha de carreiras mais bem remuneradas. Como isso ocorre na França? A sua história, em particular, tem alguma relação com esse processo? A Sociologia como campo profissional é também tão pouco valorizada? Quais são as principais dificuldades que você encontrou para se manter nessa carreira?

**Bernard Lahire** – Quando eu comecei meus estudos de Sociologia na universidade, em 1981, a Sociologia era uma disciplina acadêmica que ocupava uma posição ambivalente. Os estudos de Sociologia (como os de Psicologia) eram menos prestigiosos que os estudos de História, de Economia ou de Filosofia, mas, ao mesmo tempo, a Sociologia estava em vias de conquistar um lugar simbólico importante com a entrada de Pierre Bourdieu no *Collège de France*. Desde então, a Sociologia recuperou seu atraso em relação aos estudos literários e filosóficos, que perderam prestígio no mundo social. Hoje, por exemplo, é mais frequente vermos sociólogos na mídia que os filósofos e, depois de Jean Paul Sartre (filósofo), foi Pierre Bourdieu (filósofo de formação que se tornou sociólogo), que encarnou a figura do grande intelectual, respeitado pelo mundo acadêmico e engajado publicamente.

Quando cheguei à universidade, os estudantes entravam geralmente em Sociologia ou em Psicologia. Eles tinham o *baccalauréat* em Ciência Econômica e Social (não muito valorizada naquela época) e migravam para a Sociologia sem um objetivo muito preciso. Mas esse não era o meu caso. Mesmo vindo das classes populares, eu tinha feito os estudos de mais prestígio, na área de “Ciências e Tecnologia”. Eu passei, no entanto, por meu *baccalauréat*, com o sentimento de que minha orientação escolar no Ensino Médio (*lycée*, na França) foi catastrófica. Eu detestava aquilo que fazia (o desenho industrial, a tecnologia, a física, a oficina, etc.). A maior parte dos meus amigos da época se tornaram engenheiros e eu fui para a Sociologia. Eu me lembro que meus colegas na universidade me perguntavam por que eu estava na “Sociologia” já que poderia fazer coisas mais “valorizadas”, mais bem remuneradas, etc. Mas eu era um dos raros que tinham feito a *escolha positiva* da Sociologia: eu tinha verdadeiramente vontade de fazer Sociologia para compreender o mundo social. Era uma necessidade vital, existencial e não uma escolha orientada por considerações econômicas ou simbólicas.

Então eu comecei os estudos de Sociologia e rapidamente descobri meu caminho. Eu senti isso como uma vocação e me dediquei a trabalhar muito, muito, desde o primeiro ano de curso. Eu tinha anos de atraso a recuperar em matéria de hábitos intelectuais e trabalhei com paixão, sem me questionar sobre o que eu queria ter como profissão. Cada ano a mais na universidade era uma felicidade para mim, e mesmo um pequeno milagre social, e eu descobri as etapas progressivamente (eu me lembro de ter descoberto na graduação que eu poderia continuar no mestrado, depois no mestrado que eu poderia prosseguir na tese, mas eu não tinha programado de início entrar no doutorado). É preciso dizer que eu fui o primeiro de toda a minha família

---

<sup>1</sup> O *baccalauréat* consiste em uma qualificação acadêmica que os estudantes franceses e estrangeiros obtêm ao final do Liceu, equivalente ao nosso Ensino Médio, para então poder entrar na Universidade. Pode-se dizer que se trata de uma espécie de vestibular.

ampliada (incluindo primos) a passar no vestibular e chegar ao ensino superior. Eu trabalhei de maneira “absurda” do ponto de vista do meu meio social. Mas os resultados estavam lá: eu era o primeiro da minha turma na graduação (na época, terceiro ano da universidade), eu obtive uma das melhores médias no mestrado (quarto ano) e no DEA (Diploma de Estudos Aprofundados, quinto ano) e então eu já emendei com uma tese. Era como um sonho para mim. Eu não encontrei, portanto, nenhuma dificuldade. Tudo me parecia fácil, apaixonante e eu digo sempre que, para mim, foi o vestibular que foi o mais difícil de passar e que me fez sofrer mais. Eu detestava essa forma de “empanturrar” (nós falamos também de “*bachotage*” [trabalho intensivo] na França, em referência ao vestibular que supõe que se trabalhe sobre numerosas matérias com programas escolares imensos a “engolir” sem compreender bem na maioria das vezes). A universidade, com sua maior liberdade de trabalho e o trabalho sobre dossiê ou sobre memória me parecia muito mais atraente.

**Áskesis** – *Ainda sobre o campo profissional da Sociologia em nosso país, o trabalho de pesquisa acaba por ser o único caminho possível e o mais rentável para o sociólogo. O que você pensa disso? É parecido na França?*

**Bernard Lahire** – A situação é semelhante na França. A Sociologia permanece uma disciplina voltada à pesquisa e ao ensino superior. Há a possibilidade também, claro, de se tornar professor no ensino médio, passando no CAPES ou em uma “*agrégation*” (que são os grandes concursos nacionais), mas os estudantes devem também estudar Economia para conseguir. Diferentemente da Psicologia, que permite se tornar um terapeuta clínico, ou da Economia, que permite trabalhar para as grandes empresas, para os grandes bancos, etc., a Sociologia é mantida uma atividade científica. Eu acho que é uma coisa boa para a Sociologia, que evita, dessa forma, ser normativa (ela não pretende mudar o mundo, cuidar das pessoas ou ajudá-las a sofrer menos, ou ajudar a política de Estado, mas somente compreender, conferir razão ao mundo). Por outro lado, é o que constitui sua fragilidade social fundamental: há poucas saídas profissionais fora do campo acadêmico e científico. Fora da universidade e do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica), existem também vagas em certos organismos estatísticos do Estado (INSEE, INED, serviços de estudos e de estatísticas do Ministério da Cultura, etc.), mas isso não constitui mais que uma pequena parte das possibilidades. A Sociologia é, assim, uma das primeiras ameaçadas quando os poderes públicos se perguntam sobre a “rentabilidade” das formações. No entanto, ela é crucial para o funcionamento de uma democracia. Todo mundo deveria aprender a olhar mais cientificamente o mundo social. E é por isso que eu propus na França que houvesse um ensino de ciências do mundo social desde a escola primária. Por que aprender as ciências na escola primária e não as ciências sociais? O mundo social deve ser conhecido racionalmente, assim como o mundo físico ou biológico.

**Áskesis** – *A forma com a qual você desenvolveu seu pensamento é clara no tocante à sua maneira de retomar a tradição para, em seguida, fazê-la avançar e encontrar novas maneiras de pensar o social. É deste modo que você retomou o pensamento de Bourdieu, autor muito criticado na teoria sociológica contemporânea. Você poderia falar um pouco sobre essas características de seu procedimento de análise sociológica? Você poderia falar das principais críticas que você dirige ao pensamento de Bourdieu e a maneira através da qual seu pensamento se apropria da reflexão dele e a faz avançar?*

**Bernard Lahire** – Todo intelectual que quer fazer progredir o conhecimento é obrigado a se apoiar sobre as obras dos mais fortes do passado. Não fazemos ciência sem consciência e conhecimento dos grandes progressos de sua disciplina. Criticando o trabalho sociológico de Pierre Bourdieu, eu faço o que qualquer cientista deveria fazer: retomar as questões onde ele as deixou e tentar prosseguir a pesquisa para fazer avançar o conhecimento. Eu falo de *prolongamento crítico* ou *acúmulo crítico*, para indicar esse duplo movimento de *apropriação* e de *exame crítico*. Na grande maioria dos casos, os pesquisadores, ou aplicam sem reflexão a teoria de Bourdieu, ou ignoram, ou criticam sem conhecê-lo verdadeiramente em profundidade.

Poderíamos dizer que meus trabalhos discutem os dois conceitos centrais de sua teoria do mundo social: “*habitus*” e “campo”. Nos dois casos, o objetivo de minha pesquisa é demonstrar que o que se apresenta como uma teoria geral não é mais que uma teoria regional ou restrita. O *habitus*, se o definimos como um “sistema de disposições duráveis e transferíveis”, não é mais que um caso particular do possível. Existem os patrimônios de disposições compostos de disposições mais ou menos fortes ou frágeis, nem sempre coerentes, e que são ativados ou inibidos segundo o contexto de ação. Da mesma forma, nem todos os contextos pertinentes de ação são campos: existem sociedades sem campo; de outro modo, nas sociedades diferenciadas no seio das quais nós podemos encontrar os campos, os campos não recobrem todos os contextos ou microcosmos possíveis; e, enfim, o campo é uma construção científica que não permite compreender todas as práticas possíveis. A teoria dos campos põe em destaque a luta entre dominantes, dentro de um universo que comporta questões de poder, mas não permite compreender a natureza do conjunto das atividades diversas e variadas que se apresentam no mundo social.

**Áskesis** – *Uma das críticas recorrentes do pensamento de Bourdieu, vinda dos estudos culturais desenvolvidos nos Estados Unidos, notadamente a teoria feminista, constata o caráter universal de sua teoria e o desenvolvimento de categorias que são frequentemente aplicadas em situações muito diferentes. Você poderia nos dar sua opinião sobre esse gênero de crítica? Dizemos que Bourdieu faz uma “sociologia das permanências”. Você tenta, de outro lado, fazer uma “sociologia das rupturas”? Qual é a importância desse debate – permanência e ruptura – de seu ponto de vista? Como os sujeitos podem escapar ao “habitus”?*

**Bernard Lahire** – Bourdieu tinha, de fato, uma tendência a pensar de maneira bastante universalista. Ela pensava que sua teoria poderia se aplicar às situações históricas ou geográficas mais variadas. Podemos estar de acordo com isso se nós nuançarmos um pouco sua posição. Eu acho (como Max Weber ou Norbert Elias) que os conceitos são históricos e que eles contêm em si uma parte da realidade sócio-histórica a partir das quais eles foram construídos. As teorias sociológicas europeias são necessariamente, em primeiro lugar, ancoradas nas realidades europeias. Ao mesmo tempo, eu acho que as questões que se colocam aos pesquisadores europeus são adaptáveis a outros contextos. Seria também absurdo dizer que a teoria de Max Weber é “alemã” e que ela não se aplica senão à Alemanha ou que a sociologia de Bourdieu é estritamente “francesa”, como também pensar que elas podem se exportar diretamente sem sofrer transformações.

Quanto à questão das permanências e das rupturas, poderíamos dizer que eu tento renovar a compreensão das permanências através do estudo das rupturas, a partir de casos im-

prováveis, atípicos. Eu tentei, dessa forma, compreender as desigualdades escolares partindo da análise de casos improváveis de crianças de meios populares que tiveram êxito escolar. Pierre Bourdieu tinha a tendência de privilegiar as lógicas da reprodução, do *habitus* (como sistema de disposições transferíveis qual seja o domínio da ação), e o ajustamento dos atores às situações. O que eu constato pessoalmente é que o desajustamento é observável em todos os lugares e que há no mundo social tanto crises disposicionais quanto ajustamentos harmônicos entre as disposições e os contextos de ação. É evidentemente ligado à complexidade dos patrimônios de disposições nas sociedades diferenciadas. Dito isto, ninguém escapa às suas disposições. Nós somos todos produtos de experiências sociais que, em grande parte, escapam à nossa vontade e mesmo, às vezes, à nossa consciência. O conhecimento sociológico e, no seu modo também, o conhecimento psicanalítico, é uma maneira de retomar o controle sobre sua existência.

**Áskesis** – *Em uma entrevista, você disse que o habitus como um sistema de disposições gerais e permanentes condiz melhor às sociedades relativamente homogêneas, demograficamente frágeis e com extensão geográfica relativamente pequena. O que você entende por “homogeneidade”? Esta sociedade homogênea existe? Como trabalhar com uma dimensão subjetiva, mais difícil de acessar pelo habitus?*

**Bernard Lahire** – Émile Durkheim, e antes dele Herbert Spencer, falaram do movimento que faz com que as sociedades humanas caminhem do homogêneo ao heterogêneo. Isso significa que as sociedades são progressivamente divididas, diferenciadas em microcosmos menores (e há tantas lógicas diferentes quanto há microcosmos diferentes) e que essas sociedades apresentam, assim, possibilidades infinitamente mais complexas de variações individuais. Existem, em seu seio, concorrências socializadoras entre instituições heterogêneas e até mesmo contraditórias (familiares, escolares, religiosas, culturais, etc.) que tendem a engendrar patrimônios de disposições mais complexas. Pierre Bourdieu utilizou a noção de *habitus*, no início, para falar de uma sociedade infinitamente menos diferenciada, quer dizer, a sociedade cabila (na Argélia), e sua definição me parece marcada por este contexto cultural inicial. Para compreender os patrimônios de disposições dos atores de nossas sociedades diferenciadas, é preciso reconstruir o conjunto de quadros de socialização através dos quais eles passam a compreender, pouco a pouco, como o conjunto dessas experiências são cristalizadas sob a forma de uma variedade de disposições de natureza e de força desiguais.

**Áskesis** – *As Ciências Sociais e a teoria social em geral utilizam frequentemente a Psicanálise para lidar com dimensão do desejo, do inconsciente, em uma tentativa de explicar a subjetividade. Você teve contato com essas teorias? Qual é sua opinião sobre isso?*

**Bernard Lahire** – Eu acho que as Ciências Sociais deveriam incorporar certos aspectos da Psicanálise freudiana e, inversamente, que os psicanalistas deveriam abrir mais seu campo de interesse na direção das Ciências Sociais. A Psicanálise foi capaz de propor um modelo bastante pertinente da maneira pela qual se estrutura a personalidade individual, mas ela fez disso um modelo universal, e a estrutura da personalidade não é independente das estruturas sociais, por definição, mutáveis historicamente. É preciso “historicizar” ou “sociologizar” o modelo freudiano. O “id” (como reservatório de pulsões), o “ego” (como consciência) e o “superego” (como

instância crítica e de vigilância) são todos socialmente determinados. A partir da infância, a atenção da criança é orientada na direção de atividades particulares, seus desejos são socialmente formados e não podemos contrapor uma “natureza do homem” à sociedade ou à cultura, como fez frequentemente Freud. Por outro lado, há a tendência a reificar o inconsciente (como se existisse um “Inconsciente”), pois que há simplesmente processos conscientes, tendências inconscientes, ligadas ao fato que elas são constituídas no passado, e notadamente durante a primeira infância, no momento em que a consciência está longe de ser constituída.

**Áskesis** – *Como observar a realidade brasileira, onde temos comunidades indígenas, “quilombolas” (comunidades descendentes de escravos), “caiçaras” (comunidades de pescadores que vivem do mar), japonesas, “seringueiras” (comunidades que vivem da extração da borracha), as quais questionam a noção de um sujeito universal, essencial à teoria da incorporação do habitus? Como podemos pensar o desenvolvimento de uma teoria que poderia tratar desse caso e também do caso francês, que teve sérios problemas para enfrentar os processos migratórios e a questão da diferença?*

**Bernard Lahire** – Não há o sujeito universal. A única coisa que dizemos é que *em todas as sociedades* há instituições e formas particulares de vida coletiva, e que em todos os lugares há seres humanos que se socializam nessas instituições ou nessas formas de vida. Há em todas as sociedades *quadros de vida estruturantes* e experiências sociais incorporadas sob a forma de *disposições e competências*.

**Áskesis** – *Entre os autores que tentam se posicionar no campo da análise sociológica a uma escala global e que propõem uma Sociologia transnacional se encontra Anthony Giddens. Sua análise reflexiva coloca em evidência a ação subjetiva. Todavia, para a elaboração do conceito de reflexividade, que se estende a todos os níveis da sociedade, isto é, à vida pública, às instituições governamentais e à vida privada, Giddens não estabelece um esforço empírico. Em Giddens, não encontramos um verdadeiro trabalho de campo. Qual é a sua visão sobre a elaboração da teoria social que não se baseia em dados empíricos? Qual é a contribuição dada pela tradição sociológica francesa ao trabalho etnográfico? Como funciona a pesquisa empírica em seu trabalho?*

**Bernard Lahire** – Para mim, muito claramente, a teoria social não poderia ser considerada Sociologia. Eu chego publicamente a dizer que Anthony Giddens não é um sociólogo. Isso certamente choca, mas eu digo o que eu penso com convicção. É um teórico do social sem dados empíricos para interpretar. Eu defini o “*espírito sociológico*” em um livro (*L’Esprit sociologique*, Paris, La Découverte, Laboratoire de Sciences Sociales, 2005) dizendo que ele é, para o pesquisador, o pensar *sobre o material*. Por que decidir *a priori* que o ator é reflexivo ou não-reflexivo? O que delimita o objeto do sociólogo se nenhuma pesquisa foi feita? Assistimos aos conflitos morais, políticos ou metafísicos quando as pessoas opõem certas teorias a outras teorias sem passar por dados empíricos. A pesquisa empírica não faz, sozinha, o sociólogo. É necessária uma problemática teórica de pesquisa para guiar o trabalho de investigação e é necessária sempre uma problemática teórica para interpretar os materiais produzidos ou selecionados.

O sociólogo é uma pessoa que deve caminhar sobre suas duas pernas: uma perna empírica e uma perna teórica. Essa maneira de definir a Sociologia, e mais amplamente as Ciências Sociais, vem de Durkheim (que já criticava Simmel por não trabalhar seriamente uma questão

específica a partir de um corpo de dados, mas de “borboletar” como um ensaísta tratando de muitos assuntos) e foi quase definitivamente instalada na França, nos anos 1960, com a publicação do *Ofício de Sociólogo*, de Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron, Jean-Claude Chamboredon. É Raymond Aron que contribuiu na organização, no seio de seu centro de Sociologia, para esta maneira teórico-empírica de conceber o ofício de sociólogo. Desde então, tornou-se extremamente difícil, na França, ser um sociólogo sem basear suas ideias em dados empíricos. Os estudantes devem fazer suas demonstrações empiricamente no momento da tese.

**Áskesis** – *Pierre Bourdieu tem numerosos trabalhos que se baseiam no trabalho empírico. A Miséria do Mundo é um deles, um dos textos de referência para as etnografias brasileiras, em particular para aquelas que trabalham com entrevistas. Entretanto, em A Dominação Masculina, Bourdieu parece ter apresentado dados empíricos frágeis. Ao mesmo tempo, ele parece ter feito uma generalização da dominação masculina. Como você avalia esse trabalho na produção teórica de Bourdieu?*

**Bernard Lahire** – Não podemos nos limitar a essa parte da produção científica de Pierre Bourdieu. *A Dominação masculina* é, de certa maneira, uma obra de síntese e de tomada de posição sobre uma questão dada (aquela das relações de dominação homens/mulheres). Ele cita, é evidente, trabalhos de historiadores, de antropólogos e de sociólogos. Mas há uma indiscreta tendência a universalizar. Há tantas variações históricas, culturais, sociais, civilizacionais do ponto de vista das relações homens/mulheres que me parece arriscado propor uma teoria geral da dominação masculina. Bourdieu deixa de lado uma realidade que deveria questionar: em uma sociedade diferenciada, as mulheres podem ganhar liberdade em certos setores da vida social e não em outros. Há microcosmos muito progressistas e outros muito arcaicos, do ponto de vista das relações homens/mulheres.

**Áskesis** – *Aparentemente, uma preocupação que perpassa seu trabalho é que é necessário “revelar a origem” das disposições e das crenças coletivas – essas últimas sendo às vezes designadas como a matéria simbólica de um estado de coisas. Essa forma de ver é ligada a uma concepção cuidadosa da natureza histórica do que você define como competências, conhecimentos ou saber-fazer. A teoria da reprodução, com a qual você estabeleceu um debate interessante nesses últimos anos, estava mais preocupada com a criação de categorias para descrever/delinear as “disposições duráveis”, que com o aprofundamento da complexidade de sua manifestação, inerente à sua historicidade.*

**Bernard Lahire** – Paradoxalmente, já que Pierre Bourdieu define sua Sociologia como um “estruturalismo genético”, ele pouco realizou o trabalho de reconstrução da origem das estruturas objetivadas como incorporadas. Por exemplo, a teoria da reprodução se apresenta como uma teoria geral, uma vez que ela se apoia sobre um momento histórico muito particular de relações de diferentes classes sociais com a instituição escolar. É um momento em que a escola se torna um ponto de passagem obrigatório de acesso ao mercado de trabalho e se põe a funcionar, por essa razão, como um banco que resgata os títulos. Teria sido necessário recolocar o objeto escolar na história. Da mesma forma, não encontramos uma análise precisa, em Pierre Bourdieu, da origem das disposições incorporadas. Ele fala delas no raciocínio teórico, as qualifica às vezes, mas não as coloca em questão de investigação específica para mostrar como elas se

formam e se transformam. Para resumir, eu diria que Bourdieu colocou boas questões, mas não terminou verdadeiramente o programa de pesquisa que ele prometeu.

**Áskesis** – Em seu livro *A Condição Literária: a vida dupla dos escritores* há um capítulo dedicado à “vida dupla dos escritores” e ao que você chama de “intermitências literárias”. Nesse trabalho baseado em pesquisas empíricas, como a “vida dupla” aparece como um elemento que influencia diretamente o “ritmo” e o “estilo” de escrita dos autores? Qual aspecto de sua noção de “indivíduo plural” lhe levou a uma análise diferente daquela que Pierre Bourdieu propôs em *As regras da arte*, obra na qual há uma grande preocupação de seu autor em colocar em evidência as regras que regem os escritores e as instituições literárias?

**Bernard Lahire** – Bourdieu construiu a noção de campo literário a partir do modelo dos campos acadêmicos ou científicos. Há, no entanto, uma diferença estrutural fundamental entre os campos artísticos em geral (o campo literário em particular) e os outros campos: os escritores geralmente não são “agentes permanentes do campo”. A grande maioria dos escritores, e em particular os mais inovadores dentre eles, os mais autônomos, não vivem de sua atividade literária. Se eles não cedem à moda ou ao comércio e fazem uma obra difícil, reduzem necessariamente a compreensão de seu público, e diminuem sua chance de “ganhar a vida” honestamente. Um autor como Kafka, por exemplo, não vendeu mais que algumas centenas de suas coletâneas de novelas enquanto era vivo. Assim, os escritores frequentemente têm que se dividir entre uma atividade remunerada (grandes escritores foram médicos, professores, jornalistas, diplomatas, juristas, bibliotecários, etc.) e a atividade literária. Isso tem um efeito sobre o ritmo de sua produção. O “segundo ofício” desacelera o trabalho de criação, protegendo o criador das lógicas comerciais. Uma vez que o escritor vive apenas de sua caneta, ele é obrigado a vender regularmente, a escrever rápido e rebaixa suas pretensões literárias (se elas existem!) para propor regularmente uma literatura “vendável”. No final das contas, alguns julgam que essa é “má literatura” por oposição à “verdadeira literatura”. O “segundo ofício” pode ter também, às vezes, efeitos sobre o estilo de escrita que os escritores desenvolvem na ordem literária. Por exemplo, Franz Kafka, que era conselheiro jurídico em uma companhia de seguros de acidentes de trabalho, reutilizou todo um vocabulário e um estilo de escrita jurídica em sua obra literária. Impossível compreender a maneira com que ele escreve se não sabemos que ele importa o universo jurídico no jogo literário<sup>2</sup>.

Se a teoria dos campos tem a necessidade de ser especificada e modificada em função dos microcosmos sociais estudados, é porque a situação dos participantes nos diferentes universos sociais (médicos, jurídicos, políticos, jornalísticos, científicos, artísticos, literários, etc.) é muito diferente segundo a natureza da relação econômica entre o público potencial e os membros de seus universos (aquisição de um serviço e de competências ou aquisição de bens simbólicos) e segundo a natureza das relações que se estabelecem entre o Estado, o mercado e os universos em questão. Dessa forma, mesmo sem público ou com públicos muito restritos, os agentes permanentes dos campos acadêmicos e científicos financiados pelo Estado podem continuar a produzir os conhecimentos mais esotéricos. Não se passa o mesmo com os participantes intermitentes de um universo social como o jogo literário, submetidos ao mercado e beneficiados por um suporte muito mais limitado da parte do Estado. Primo próximo do sábio

---

<sup>2</sup> Lahire dedicou, recentemente, uma obra à Kafka: *Franz Kafka. Éléments pour une théorie de la création littéraire*, Paris, La Découverte, Laboratoire des sciences sociales, 2010.

esotérico, o poeta hermético não partilha, entretanto, das mesmas condições.

Pressionados mais frequentemente a exercer um “segundo ofício”, os participantes do universo literário são mais próximos dos jogadores – que saem regularmente do jogo para “ganhar a vida” fora – que dos “agentes” estáveis de um campo. É por essa razão que eu preferi falar, ao longo de *La Condition littéraire. La double vie des écrivains* (La Découverte, Laboratoire des Sciences Sociales, 2006), de um “jogo literário” mais que de um “campo literário”. O conceito de jogo literário designa um campo secundário, muito diferente, no seu funcionamento, dos campos originais<sup>3</sup> – campos acadêmicos e científicos, principalmente – que dispõem de meios econômicos de converter os indivíduos que deles participam em agentes permanentes e de levá-los, desse modo, a investir o essencial de sua energia a seu serviço. Diferentemente de Bourdieu, que utiliza a metáfora do jogo como uma simples maneira pedagógica de fazer compreender o que é um campo, eu desenvolvi a metáfora do “jogo literário” e explorei suas potencialidades no objetivo de diferenciar os tipos de universo que oferecem condições de vida muito diferentes a seus respectivos participantes. Considerando como se o universo literário fosse um campo como os outros, aqueles que utilizam a teoria dos campos não tomaram consciência do fato de que a redução dos indivíduos ao seu estatuto de “agente do campo literário” é ainda mais problemática que em outros lugares, na medida em que esses indivíduos se distinguem, por razões ligadas às propriedades do universo em questão, por sua frequente vida dupla.

A teoria dos campos tende a considerar que tudo o que se passa no interior de um campo não deve se explicar fora dos limites do campo em questão: a verdade de toda prática no seio do campo estaria inteiramente limitada ao âmbito do próprio campo e os atores sociais seriam, dessa forma, reduzidos a seu *ser-como-membro-do-campo*. É como se não houvesse nada além de um “*habitus* literário” e não houvesse experiências socializadoras determinantes anteriormente à entrada no campo e paralelamente à atividade no campo. Se nós formos rigorosos no uso do conceito, me parece impossível poder falar de “*habitus* literário” para atores – escritores-médicos, escritores-professores, escritores-jornalistas, escritores-engenheiros, escritores-operários, etc. – que acumulam então “*habitus*” (profissional e literário) teoricamente não acumuláveis.

A noção de *habitus*, tal como foi definida por Pierre Bourdieu, é um “princípio gerador e unificador” dos comportamentos, permitindo compreender “de maneira unitária” dimensões da prática mais estudadas em ordem dispersa. O *habitus* de um indivíduo é, então, um sistema de disposições que se transfere de uma situação à outra e mexe em todas as partes de sua existência. É por essa razão que o uso do conceito para dar conta das coerências locais – dentro de qualquer domínio de práticas ou em qualquer dimensão da existência – põe um sério problema ao analista. Falar de *habitus* escolar, científico, esportivo ou literário como falamos de *habitus* popular ou aristocrático, é mudar a definição do conceito, fazendo dele o princípio de coerência de um conjunto bem delimitado de ações, como se os *habitus* em questão representassem bem um papel unificador do conjunto de comportamentos. No primeiro caso, nós entramos em contradição com a definição teórica mais rigorosa. E no segundo caso, seríamos levados logicamente a sustentar que um *habitus* escolar, científico, pugilista ou literário pode estar no princípio do conjunto de práticas (alimentares, de vestuário, de linguagem, políticas, morais, educativas, estéticas, sexuais, etc.) dos atores. Quando nos ocupamos desses indivíduos que, como a grande maioria dos escritores, acumulam atividades sociais, o uso da noção

---

3 No original, *champs parents*.

de *habitus* se mostra ainda mais problemático. De fato, como podemos falar de *habitus* literário de um indivíduo quando, por outro lado, outros poderiam muito bem evocar seu *habitus* jornalístico, professoral, jurídico ou médico?

**Áskesis** – *Gostaríamos que você falasse também de seu trabalho mais recente e da questão da hiperespecialização. Como você trabalhou esse problema? O que o atraiu para essa questão?*

**Bernard Lahire** – Não é uma investigação, bem dizendo, que me conduziu a essa questão. Mas eu reagi à evolução atual das ciências humanas e sociais na direção de uma hiperespecialização. As ciências humanas e sociais contemporâneas vivem um duplo processo de dispersão de seus trabalhos: um recorte disciplinar que faz com que certas disciplinas se ocupem prioritariamente de dimensões específicas do mundo social (a econômica, a política, o direito, a educação, a vida psíquica, a língua, a arte, a religião, etc.) e um recorte sub-disciplinar que toma a forma de uma hiperespecialização (história urbana, história da educação, história das ciências, história cultural, história da arte, história política, história das religiões, etc.). Tais diferenciações estão ligadas a um movimento de “profissionalização” das disciplinas científicas, cujos aspectos positivos não devem ser recolocados em causa: os pesquisadores ganharam em precisão, em rigor, em delimitação de seu propósito e de seu *corpus* empírico e em qualidade de provas fornecidas também. Mas quando os pesquisadores não leem e não conhecem nada além dos trabalhos de outros pesquisadores relevantes da mesma subespecialidade no interior de sua disciplina, o risco é também muito grande de empobrecer o conhecimento produzido.

Os próprios pesquisadores acabam por perder a noção de totalidades sociais e os laços de interdependência que existem entre as áreas diferentes da prática, e recortam o ator individual em improváveis e abstratos *homo economicus, juridicus, politicus, psychiatricus, linguisticus*, etc. Eles são incapazes de fornecer aos leitores não-especializados uma imagem muito clara da sociedade em que vivem. Essa falta de ambição geral tem consequências práticas sobre o interesse que os não-profissionais podem ter sobre os trabalhos dos pesquisadores. Ela tem também consequências ainda mais graves de ordem política: se elas não são mais construídas pelos intelectuais, as visões de conjunto que permitem à imaginação política se inserir e estabelecer vínculos ou analogias entre fatos ou domínios heterogêneos, encontram um terreno favorável de expressão em todos estes que, ideólogos, ensaístas, editores ou filósofos jornalistas, sem dados nem métodos, falam de maneira muito “livre” do mundo social. Há, portanto, efeitos negativos do fechamento disciplinar, da hiperespecialização e de uma forma muito restrita de “profissionalismo acadêmico”. Volto a esta questão na conclusão do meu próximo livro, que será lançado na França em março de 2012 (*Monde pluriel. Penser l'unité des sciences sociales*, Paris, Seuil, Couleur des idées).

**Áskesis** – *Para concluir, qual é a sua opinião sobre o papel da América Latina, e sobretudo do Brasil, na produção do conhecimento sociológico?*

**Bernard Lahire** – Minha visão é muito positiva! Não é à toa que eu venho ao Brasil regularmente há quinze anos. Eu encontro aqui colegas e estudantes muito motivados, muito entusiasmados, muito competentes e também reencontro aqui a ambição científica positiva que eu conheci na França nos anos 1980-1990. O único risco, a meu ver, seria de ver a sociologia se

dividir, como eu vejo às vezes na Europa, entre um pólo teórico puro (sem empiria) e um pólo sociológico empírico sem ambição teórica. É preciso conjugar os dois durante toda a formação dos estudantes e levá-los a produzir teses sobre assuntos empiricamente fundamentados e delimitados. Eu estou convencido de que entre os jovens sociólogos atualmente no mestrado ou no doutorado sairão autores importantes que farão parte do futuro da ordem sociológica mundial.